

## Dilemas e ilusões da vida em sociedade no cinema

Mariana Villaça

Professora de História da América/UNIFESP -  
Especialista em cinema latino-americano

A recém-lançada Caixa 5 do projeto “O Cinema Vai à Escola”, da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo (SEE) e da Fundação para o Desenvolvimento da Educação (FDE), traz seis grandes filmes da cinematografia mundial e nacional: *Os Pássaros* (Hitchcock), *Doze Homens e Uma Sentença* (Henry Fonda), *Luzes da Cidade* (Charles Chaplin), *Não por Acaso* (Phillipe Barcinski), *Quanto Mais Quente Melhor* (Billy Wilder) e *Oliver Twist* (Roman Polanski). À primeira vista, parece haver poucos pontos em comum entre essas seis obras, no entanto, por meio de um olhar mais atento, logo nos damos conta da existência de diversos elementos que permitem traçar ricas relações entre elas, a fim de construirmos recortes temáticos e discussões muito frutíferas para a reflexão e a construção do conhecimento em sala de aula.

Dentre os elementos de ligação existentes, podemos destacar, primeiramente, **a cidade moderna**, no mundo capitalista ocidental, como uma importante protagonista em todas as obras da Caixa. Três dos seis filmes selecionados têm histórias que se passam em cidades norte-americanas, seja nos anos 1920 (*Quanto Mais Quente*), seja nos anos 1950 (*Os Pássaros*, *Doze Homens*), enquanto os outros três nos permitem: visitar Londres do começo do século XIX (*Oliver Twist*, ambientado no anos 1830, após a Revolução Industrial); uma grande e cosmopolita cidade dos anos 1920 (que se configura como uma mescla de Los Angeles, Paris e Londres, em *Luzes da Cidade*); e a frenética São Paulo dos anos 2000 (*Não por Acaso*).

Focando detidamente em como a cidade é representada em cada obra, nos deparamos com sutis problematizações: em *Os Pássaros*, por exemplo, há a sugestiva tensão entre a cidade grande, representada pela sofisticada protagonista, e a cidade pequena, território a princípio bucólico e idílico mas que esconde muitas inquietações e preconceitos. Não apenas neste mas em todos os filmes contemplamos os “vícios e virtudes” da vida social imersa de urbanidade: os limites impostos pelo traçado urbano, o universo do trabalho e as dificuldades de sustento em mundos marcados por visíveis contrastes e desigualdades sociais, a imposição cotidiana dos meios de transporte, a convivência “ombro a ombro” em ambientes públicos e privados adensados de seres humanos, bem como os fatores de caráter mais subjetivo, como o misto de opressão e sedução exercido pelo cenário da urbe, com seus ruídos, luzes e movimentos imprevisíveis, incessantes.

Em todas essas películas mergulhamos em tramas que se desenrolam no **mundo do capitalismo**, em que a sobrevivência diária não é simples e o individualismo se sobrepõe como valor e comportamento. Nesse sentido, são filmes que também permitem aos alunos inquirirem a sociedade contemporânea e os muitos desafios que enfrentam como sujeitos em formação: as perversas regras que orientam o jogo da

concorrência no mercado; os limites entre a ética e o “senso de oportunidade”, entre a justiça e a “conveniência”, entre a necessidade da manutenção de padrões e o desejo de romper com eles, enfim, os filmes permitem, ainda, defrontar os espectadores com os contrastes e desigualdades que se impõem como realidade a tantos jovens, nos grandes e pequenos centros urbanos.

Não obstante, o mundo capitalista que entrevemos nesses filmes não é apenas uma selva implacável ou um mar de desilusões: há um encantamento com a **modernidade**, despertado pelas novidades tecnológicas, pelas atrações do *show business*, pelos trens, automóveis e equipamentos urbanos que, de alguma forma, transformam e dinamizam a vida humana. Essa mesma modernidade, responsável pelo próprio cinema, é também objeto dessas obras que podem ser encaradas como crônicas da vida urbana e de momentos históricos marcantes da contemporaneidade: a irreversível marca da industrialização, a incessante urbanização, a especialização do trabalho, a intensificação de deslocamentos que revertem o isolamento de localidades. Esse dinamismo, por sua vez, também confere alguma imprevisibilidade e a sensação de que tudo pode acontecer na vida de um indivíduo e determinar seu futuro.

Por outro ângulo, nesses filmes contemplamos cidades que, longe de serem simples cenários, conferem materialidade e historicidade a situações dramáticas nas quais predominam as tensões na convivência entre os personagens/indivíduos. Tal convivência, ainda que suscite surpresas, reviravoltas, inesperadas alegrias, é essencialmente marcada pelo **medo do outro ou, ao menos, por sua incômoda presença**. Em *Os Pássaros*, uma cidade pequena e pacata é inexplicavelmente alvo dos ataques de pássaros que ali sempre estiveram mas que se tornam agressivos, cada vez mais numerosos e ameaçadores. Essa ameaça não poupa os lugares privados, o ambiente familiar, criando uma fobia coletiva.

Em *Oliver Twist*, o órfão protagonista encarna a miséria e, por necessidade, a contraversão que são igualmente rechaçados e temidos pelos “cidadãos de bem”. Oliver, marginalizado desde o nascimento, é considerado vítima e ameaça. Em *Doze Homens e Uma Sentença* o preconceito e a xenofobia entram em cena no julgamento de um acusado que, não casualmente, trata-se de um porto-riquenho. A sala opressiva, fechada e apertada onde se passa a ação revela-se um microcosmo da sociedade que se vê confrontada com uma ameaça: um suposto assassino que será necessário extirpar ou absolver, atitudes opostas que envolvem, além de questões éticas, a viabilidade da convivência com o diferente.

*Luzes da Cidade* nos oferece surpresas e reviravoltas que podem transformar o destino de um vagabundo e uma pobre cega vendedora de flores. O “outro”, nesse caso representado (duplamente) por dois despossuídos, é agraciado pela sorte. A força da aparência, o valor da ostentação no mundo capitalista são desnudados pelo diretor, que a eles contrapõe a pureza, a inocência e a humildade do eterno Carlitos.

Enfoque semelhante, no que tange às armadilhas do destino, podemos encontrar na outra comédia da caixa, *Quanto Mais Quente Melhor*, que também brinca com as oscilações entre sorte e azar e traz, sutilmente, a crítica ao culto das aparências. O “outro” em questão não é exatamente o pobre, o miserável: é aquele que não segue os padrões de moralidade e sexualidade impostos pela sociedade. O enredo é marcado por pequenas e grandes trapaças num universo em que a ética não é a regra e cada um procura “levar a melhor”. Em seu final feliz, o “outro” encontra seu lugar, e surpreendentemente se dá bem. As surpresas também afloram em *Não por Acaso*, filme que aposta na força das reviravoltas. Em seu entrelaçamento de histórias, o “outro” surge para desestabilizar o cotidiano previsível de dois homens.

Assim, em todos esses filmes, nos deparamos com tensões e inquietações provocadas por um elemento estranho, por um “outro” (temido ou contestado) que se impõe nas relações sociais urbanas.

Evidentemente, ao tratar das agruras da vida em sociedade, os filmes nos permitem refletir sobre os limites da tolerância, os medos sociais e os próprios valores que justificam leis, comportamentos e atitudes – tanto individuais quanto coletivos – no mundo moderno. Nesse ponto, chegamos à possibilidade da **discussão da ética em sentido amplo**. Os enredos convergem para situações-limite nas quais o espectador se vê na condição inevitável de juiz. Isso se apresenta quando nos confrontamos com o trabalho infantil em *Oliver Twist*, com os argumentos que norteiam a “sentença” dos doze jurados, com a solidariedade mal recompensada em *Luzes da Cidade*, com a histeria das vítimas diante do inexplicável ataque dos pássaros, enfim, podemos dizer que tanto no âmbito das relações humanas que se descortinam na tela (entre as quais se situam as “traições” dos parceiros de *Quanto Mais Quente Melhor* ou as difíceis “encruzilhadas” nas quais se veem os personagens de *Não por Acaso*) quanto na esfera da vida pública, em sociedade (mais evidente nos demais filmes, principalmente quando o poder público entra em cena de forma autoritária ou se faz sentir em sua total ausência), há questões éticas complexas que podem ser discutidas coletivamente e trazidas para a realidade dos alunos.

Por fim, é importante frisar que todos esses filmes receberam algum tipo de premiação ou reconhecimento por parte da crítica, uma vez que são obras sofisticadas, nas quais há cuidadoso tratamento dos elementos estéticos (fotografia, trilha sonora, edição, dramaturgia, narração, etc.). Podemos atribuir o grande sucesso alcançado por essas obras, em parte, ao fato de, inegavelmente, **ultrapassarem clichês de gênero**. Em *Os Pássaros*, por exemplo, o clima de terror e suspense não é intensificado pelo uso de trilha sonora ou pela fatura de cenas noturnas, sombrias, como seria de praxe em filmes desse gênero: justamente o silêncio confere a tensão nas cenas que antecedem o ataque das aves, e muitos desses ataques acontecem em plena luz do dia. Nos poucos momentos em que há música, essa é essencialmente diegética, ou seja, o som que participa da narrativa da película; que faz parte do universo dos personagens. Um exemplo é quando, na cena, existe alguém tocando piano, ou ouvindo música. Ou seja, a música existe na cena, e está fazendo parte da história a ser contada.

Ainda tomando como parâmetro a trilha sonora para pensarmos os clichês com os quais esses filmes rompem, lembremos que Chaplin, em *Luzes da Cidade*, fez um filme moderno, utilizando muitos recursos sonoros que a evolução tecnológica do cinema já lhe permitia nos anos 1930, porém abrindo mão dos diálogos falados (estes se apresentam na forma de legenda) ou seja, fez um filme “mudo” em que há abundância de trilha musical, ruídos e sonorizações. Rompeu, portanto, com o clichê do cinema mudo, ao mesmo tempo em que não seguiu a tendência dos filmes falados que emergia no mercado cinematográfico de então.

O filme *Oliver Twist*, ainda que abuse das tonalidades de sépia que, em geral, marcam as películas que abordam Londres do século XIX, também lança mão, em sua fotografia, de cores quentes, principalmente ao abordar a alegria das molecagens e a liberdade que também se fazem presentes na dura vida de Oliver. A obra não se reduz, nesse sentido, ao melodrama fácil: Oliver não é apenas “vítima do sistema”, faz suas escolhas e luta com as armas que possui.

Para citarmos mais um exemplo, devemos destacar que *Quanto Mais Quente Melhor*, ainda que seja uma comédia de situação nos moldes dos musicais do período, traz, em meio às trapalhadas dos dois protagonistas em tom de filme “pastelão”, um questionamento nada pueril a respeito da sociedade norte-americana dos anos 1920. Além de problematizar os padrões de identidade feminina e masculina, resvala nas contradições daquela sociedade que já se assumia como modelo de democracia e que, antes da Grande Depressão, vivia um período no qual a ilusão do enriquecimento fácil parecia solapar todo e qualquer problema.

Sem mais alongar esta breve apresentação do excelente material disponibilizado pela SEE/FDE, temos a certeza de que o espectador, seja aluno ou professor, encontrará, nessa seleção de filmes, além de cinema da mais alta qualidade, dotado de originalidade e apuro estético, um interessante leque de temas, épocas e dilemas sociais que ajudam a problematizar o mundo em que vivemos, com todas as agruras e encantos que perfazem a convivência em sociedade e a construção da subjetividade.

